

Memória e Patrimônio

**Folclore
Sumareense**

Cabrito

Luiz Tomazin trabalhava na Prefeitura, no governo de Aristides Moranza, que governou a cidade no período de 1970 a 1972.

O país vivia o período do Governo Militar e por conta disso a relação da Municipalidade com o Exército Brasileiro tinha muita proximidade. O GCAN, que era o centro militar da região, vivia pedindo favores para a Prefeitura e Moranza, sempre solícito, sempre atendia os pedidos do comandante daquela guarnição.

Numa determinada semana alguns servidores da Prefeitura foram fazer um pequeno serviço naquele local, dentre eles o Tomazin, que era um servidor simplório e muito trabalhador.

No horário do almoço acontecia uma interrupção do trabalho, quando era servida uma refeição para os homens da Prefeitura.

Nesse momento um oficial do GCAN, muito gentil, entabulou uma conversa com o Tomazin, sobre comida. O começo do assunto foi sobre o almoço que estava sendo servido. Depois virou para os pratos preferidos pelos interlocutores.

Num dado momento o Tomazin falou para o oficial:

– Ontem eu comi um cabrito em casa.

Curioso, o militar mostrou interesse na declaração do Tomazin e educadamente perguntou:

– Um cabrito? Prato muito gostoso. E comeu sozinho?

A resposta foi curta e objetiva:

– Não. Cumi cum pão e vinho.

Alaerte Menuzzo

Regina Márcia Moura Tavares é uma velha conhecida da Associação Pró-Memória de Sumaré. É antropóloga, educadora, escritora e cantora lírica. Foi professora e Diretora do Instituto de Artes e Comunicação da PUC (Pontifícia Universidade Católica) de Campinas. Coordenou o Museu Universitário, foi conselheira do Condephaat (órgão estadual) e do Condepacc (Conselho do Patrimônio Histórico de Campinas), entre outras atividades.

É uma profissional especialista em Patrimônio Histórico, Patrimônio Material e Imaterial. Sobre esse tema ela fez palestras nos Fóruns de História promovidos pela Associação Pró-Memória de Sumaré, realizados anualmente no mês de novembro.

No último dia 19 de agosto, Regina Márcia lançou uma Cartilha de Educação Patrimonial intitulada “Memória e Patrimônio”. É uma publicação que todos homens públicos deveriam ler. Ler, refletir e agir. Agir para preservar, agir para divulgar, agir para integrar a população do seu território. Agir para educar os jovens que frequentam os bancos escolares.

Sumaré infelizmente encontra-se muito atrasada em relação à preservação de seu patrimônio material e imaterial. Já perdemos muita coisa no campo material, como o Casarão dos Rohwedder, o Casarão dos Dall’Orto, a antiga sede da Sociedade Italiana, o prédio do Armazém do Atílio Foffano, e finalmente o Bar Paulista, entre outras coisas. Tínhamos comemorações, festividades e encontros que hoje não temos mais.

Porque perdemos tudo isso? Infelizmente a explicação é muito simples: ainda não existe em nossa comunidade uma consciência do que é importante, do que deve ser preservado e transmitido para as futuras gerações. Além das perdas citadas, podemos mencionar uma coisa que ainda não temos, mas que

deveríamos ter há muito tempo: um museu. Um museu onde poderíamos guardar muita coisa dos antigos moradores, das empresas ou instituições antigas, que infelizmente foram jogadas no lixo, ou se encontram guardadas por pessoas que não sabem o que fazer com essas “velharias”.

Já dissemos nestas páginas que nossa cultura é tratada como perfumaria. Nesse contexto, a memória, o patrimônio cultural de Sumaré não tem o tratamento que merece. A Associação Pró-Memória é mero detalhe nesse deserto: é a única entidade que se preocupa em preservar e difundir a nossa memória, nosso patrimônio. Infelizmente são poucas as pessoas do município que a conhecem. Por outro lado, muitos dos que a conhecem não lhes dá o devido valor. Daí o fato de sempre viver às custas de favores para sobreviver, da população ou do poder público.

Curiosamente, nossa entidade é mais reconhecida e mais valorizada em outras cidades. Márcia Regina, que faz parte da Femecc (Federação Metropolitana de Cultura), é uma delas.

Na sua Cartilha, de 26 páginas, ela nos dedicou duas, no terceiro capítulo, sob o título de “Por que Preservar o Patrimônio”. Nelas, foram estampadas cinco fotos: da Estação Ferroviária (1875), do final da 1ª Guerra Mundial (1918), da Sociedade Musical Rebouçense (1900), do Armazém de Secos e Molhados de Atílio Foffano (na década de 1920) e da Comissão de Emancipação Política no Palácio 9 de Julho (em 1953).

Essa publicação muito nos honra, pelo fato de ter sido escrita por uma pessoa altamente credenciada e reverenciada em todo mundo, como uma especialista em Patrimônio Histórico.

Obrigado, Márcia Regina!



Regina Márcia Moura Tavares

3. por que PRESERVAR o PATRIMÔNIO?

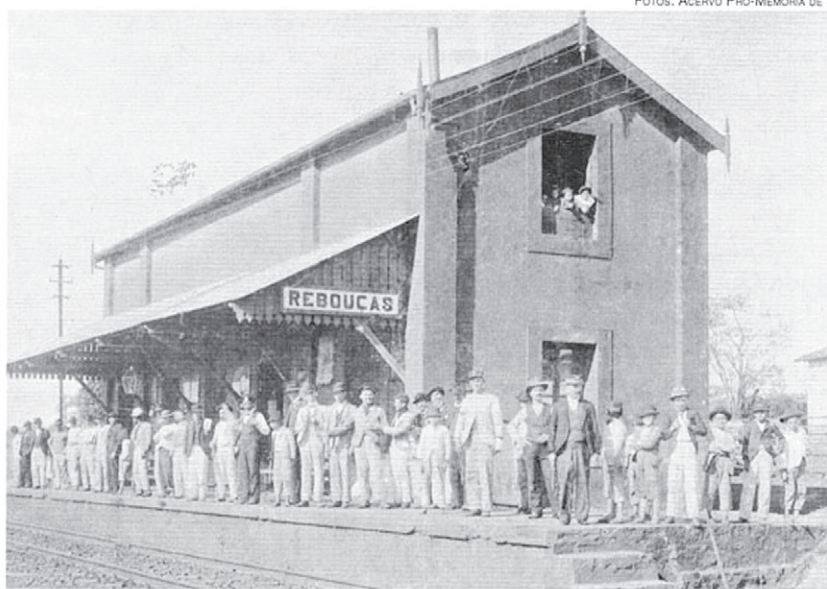
● POR QUE PRESERVAR O PATRIMÔNIO?

Cada povo precisa saber quem foi, o que fez, como pensaram e sentiram seus antepassados, a fim de compreender melhor o momento em que vive e ser capaz de programar seu futuro. Assim sendo, preservar a herança cultural não é simples “saudosismo” ou uma irritante mania de pessoas velhas, mas uma necessidade para uma população continuar existindo bem e livremente.

FINAL DA PRIMEIRA GUERRA MUNDIAL, BAR PAULISTA, 1918/1919



Página 14 da Cartilha



ESTÁÇÃO FERROVIÁRIA DE REBOUÇAS, INAUGURADA EM 1875

● TODOS OS PAÍSES, HOJE, TÊM ESSA MESMA PREOCUPAÇÃO?

Cada dia mais as populações nacionais compreendem que, sem a preservação do patrimônio cultural, o desenvolvimento será artificial e efêmero e as chances de um povo ascender e permanecer em condições de igualdade ao lado de outro dependem diretamente da sabedoria que tiver para acrescentar à sua herança cultural o complemento vindo de outra sociedade

CARTILHA DE EDUCAÇÃO PATRIMONIAL

Preservar a herança cultural não é simples

Memória é o que nos lembramos do passado: de nossa família, de nossa cidade, de uma região de nosso país, avós, parentes, vizinhos, de nosso tempo.

Memória, portanto, é algo bem vivo e dinâmico. Não estamos a todo momento nos lembrando de alguém, de um fato, de um objeto? Positiva ou negativa, essa memória continua fazendo parte da gente e nos impactando.

Cada povo precisa saber quem foi, o que fez, como pensaram e sentiram seus antepassados, a fim de compreender melhor o momento em que vive e ser capaz de programar seu futuro. Assim sendo, preservar a herança cultural não é simples “saudosismo” ou uma irritante mania de pessoas velhas, mas uma necessidade para uma população continuar existindo bem e livremente.

Cada dia mais as populações nacionais compreendem que, sem a preservação do patrimônio cultural, o desenvolvimento será artificial e efêmero e as chances de um povo ascender e permanecer em condições de igualdade ao lado de outro dependem diretamente da sabedoria que tiver para acrescentar à sua herança cultural o complemento vindo de outra sociedade.

(Trechos extraídos da Cartilha)



FUNDAÇÃO SOCIEDADE MUSICAL REBOUÇENSE, EM 1900

Anualmente o Pró-Memória publica uma revista, comemora a Semana da Memória no mês de outubro e promove um Fórum no mês de novembro.

www.promemoriasumare.com.br

Página 15 da Cartilha



ATILIO FOFFANO NO SEU ARMAZÉM DE SECOS E MOLHADOS



COMISSÃO DE EMANCIPAÇÃO POLÍTICA NO PALÁCIO 9 DE JULHO, EM 1953

SAIBA MAIS

PATRIMÔNIO CULTURAL PRÓ-MEMÓRIA DE SUMARÉ

Na cidade de Sumaré foi criada uma instituição com importante papel na proteção da memória e do patrimônio histórico local. É a Associação Pró-Memória de Sumaré, uma entidade privada, sem fins lucrativos. Foi fundada no dia 14 de janeiro de 2004 e está instalada no prédio do Centro de Memória “Thomaz Didona”, na Praça da República n. 102.

O objetivo da entidade é a recuperação, preservação e divulgação da História de Sumaré. Seu acervo é composto de 250.000 papéis, volumosa coleção de jornais, mais de 117.000 mil fotografias digitalizadas, livros impressos e manuscritos, documentos, quase todos catalogados, classificados ou digitalizados, estando disponíveis à consulta da população.